

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 3
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Amélia Pardal
Clara dos Santos
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
Graça Filipe
Isabel Vicente
Luís Ferreira
Miguel Correia
Rosa Bela Azevedo
Rosário Gil
Teresa Rosendo

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luísa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interditada a reprodução de imagens.

Capa

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

Contracapa

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

Execução gráfica

Ana Paula Covas

Tratamento de imagens

Ana Castela

Impressão e acabamento

Depósito legal n.º

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Índice

Museus	7
Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>	9
Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>	21
Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>	27
Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>	34
Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>	43
Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>	49
Arqueologia	63
Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>	65
Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>	70
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>	83
Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>	130
Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>	137
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>	149
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i>	165
Outros Patrimónios	179
Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>	181
Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i>	197
Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>	207
António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>	215
Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>	221
Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i>	229
Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>	237
Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>	247
Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>	257
Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>	279

Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega/Montijo

ALEXANDRE ARMÉNIO TOJAL*

RESUMO

O objecto que abordamos – a platibanda – constitui um elemento compositivo das fachadas da arquitectura doméstica que merece, no caso particular do núcleo mais antigo da cidade do Montijo, um tratamento autónomo, reflectindo valores de memória, autenticidade e exemplaridade que o reconduz para o universo do património local, compreendido à luz da noção alargada que a actual Lei de Bases do Património Cultural consagra.

Consumando um casamento feliz entre função e decoração de fachada, a platibanda, e nesta sede, a de formação em cerâmica, constitui uma “imagem de marca” própria que dá, ainda hoje, à cidade do Montijo singularidade, atendendo ao elevado número de exemplares sobreviventes, cerca de três dezenas, e em bom estado de conservação. Na apropriação imagética do espaço urbano mais antigo e na sua definição formal e estética, este elemento compositivo das fachadas da arquitectura local ocupa um lugar irrenunciável a merecer protecção.

Apresentamos um primeiro elenco de platibandas existentes, à maneira de inventário, assim como uma proposta de classificação tipológica.

As arquitecturas que preenchem o desenho urbano assumem-se como referências marcantes na construção da imagem da cidade. Eruditas e vernaculares, as suas formas, estilos, cores, dimensões fixam uma paisagem urbana irrepitível que importa conhecer para valorizar. Neste propósito de quem inventaria uma cidade, o olhar crítico detecta diferentes níveis de elementos, com diferentes impactos, concorrendo, todos eles, para um retrato global. As numerosas platibandas integradas na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega, que elegemos como território de análise, constituem parte irrenunciável do todo urbano.

ABSTRACT

In what may concern the historical core of Montijo, a city south of Lisbon, the platband, here in focus, is an important element of façades in domestic architecture. It deserves a study on its own for it reflects values of memory, authenticity and exemplarity that lead back the universe of local, taken under a wider span as it has been consecrated in the present Heritage founding laws.

Happy reunion between function and decoration altogether in a façade the platband – more so in this case the ceramic balustered platband – stands as a typical feature for which Montijo is unique. This is due not only to the high number of surviving items, around thirty, but also to the fact that this are kept in good condition. On grasping the image of the historical urban space, in its formal and aesthetic definition, this element of local façades has an irrefutable place and is worthy of protection as such.

A first list of the existing platbands is henceforth drawn, inventory wise, along with the author's suggestion for a typological classification.

No discurso compositivo da arquitectura doméstica¹, a platibanda é o elemento de topo que remata o alçado, normalmente o anterior (ou principal), pontualmente, em situações de maior opulência, também o posterior (ou tardoz) ou os laterais, sempre anulando o beiral e escondendo a parte final da água do telhado. Ao olhar comum, configura uma espécie de guarda ou murete que coroa a fachada, vazado, quando preenchido por elementos cerâmicos, ou cego, quando construído em alvenaria, ambos normalmente merecedores de um particular cuidado decorativo².

*Técnico Superior do Departamento Sócio-Cultural da Câmara Municipal do Montijo; Mestre em História da Arte.

1 - Arquitectura assumida, na sua função principal, como espaço de habitação.

2 - *Decoração em azulejo de um muro ou sequência de ornatos cerâmicos que rematam um terraço ou o topo da fachada de um edifício*, é a definição adiantada em *Cerâmica, artes plásticas e artes decorativas: normas de inventário*, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007, p. 80; *Moldura larga e pouco saliente, muro, grade ou balastrada que contorna uma construção e limita um terraço ou um telhado*, é outra definição de Nuno Teotónio Pereira e outros, *Montijo, um Património a preservar: arquitectura moderna de expressão protomoderna*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal do Montijo, 2008, p. 102.

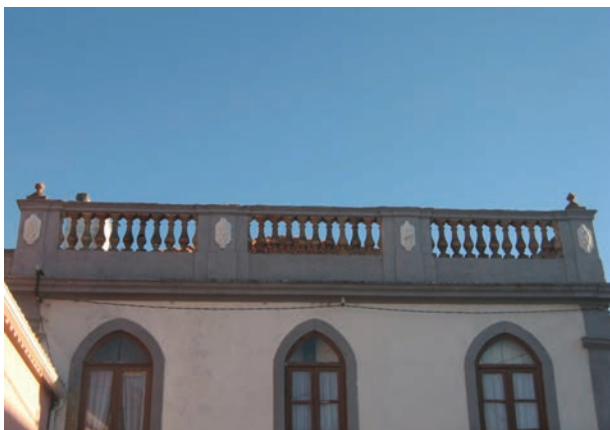


Fig. 1 - Rua da Bela Vista, 3-7. Balaústre redondo liso (barro).



Fig. 2 - Balaústre redondo liso.

Na gramática decorativa clássica, grega ou romana, a platibanda tinha já lugar, fazendo-se dela uso no risco das edificações, especialmente de fins públicos. Entre nós, só no século XIX, e particularmente na segunda metade, se generalizou na arquitectura doméstica.

O objecto que abordamos – a platibanda – constitui um elemento compositivo das fachadas que merece, no caso particular do núcleo mais antigo da cidade do Montijo, um tratamento autónomo, reflectindo valores de memória, autenticidade e exemplaridade que o reconduz para o universo do património local, compreendido à luz da noção alargada que o actual quadro legal em vigor consagra³. Considerando, nesta sede, estritamente a tipologia de platibandas formadas por peças de vulto em cerâmica, a sua natureza faz-nos revê-la como a combinação de diferentes classificações: arquitectónica, decorativa, de equipamento até, se tivermos presente as razões práticas da sua difusão que a seguir abordaremos⁴.

A observação atenta de platibandas leva-nos a reconhecer, tendencialmente, uma composição tripartida: a guarda, formada pela sucessão de objectos iguais, constituindo, por exemplo, uma balaustrada quando composta pela sucessão de balaústres (de diferentes modelos⁵); os acrotérios, elementos de jun-

ção ou remate, socos, pedestais ou plintos de alvenaria, por vezes com trabalho de estuque ou aplicações de cerâmica, colocados nas extremidades e, com frequência, dispostos espaçada e simetricamente ao longo da platibanda; e os corucheús, englobando todos os objectos decorativos colocados em destaque, sobre os acrotérios, por exemplo, pinhas, de diversos modelos, vasos diferenciados, pináculos, podendo configurar soluções distintas: A-A; A-B-A; A-B-C-BB-C-B-A, correspondendo cada letra a um modelo de coruchéu. A situação mais complexa, detectada na combinação de diferentes elementos, é hoje visível na rua Joaquim de Almeida, n.ºs 48-50, mas outras platibandas terão tido também grande impacto decorativo, a julgar pelos socos existentes, já despidos dos elementos originais, (pinhas? vasos? urnas?), por exemplo, a da Casa Tavares Mora (alçado principal), ou a da rua da Bela Vista, n.ºs 3-7.

Em qualquer deambulação inocente – mas interessada – pelas artérias centrais da antiga Aldeia Galega o olhar cruza-se, ora aqui, ora ali, com platibandas⁶ nas fachadas da arquitectura doméstica (não exclusivamente). Precisando números, que admitimos não serem definitivos, contamos trinta e um exemplares que utilizam quinze modelos de guarda, assim como variadíssimos figurinos de coruchéus⁷. Por exemplo, na avenida dos Pescadores,

3 - Lei de Bases do Património Cultural, n.º 107/2001, de 8 de Setembro, art.º 2.º, n.º 1.

4 - Esta classificação é indicada em *Cerâmica, artes plásticas e artes decorativas: normas de inventário*, op. cit., pp. 17 e segs.

5 - Verificando-se a inexistência de designações consagradas para todos os modelos, propomos nomenclatura da nossa autoria.

6 - Já referidas, em termos gerais, por Nuno Teotónio Pereira e outros, *op. cit.*, pp. 27-28.

7 - Ainda que não comumente usado para o período oitocentista, nem tão pouco para os objectos decorativos que queremos referir, parece-nos ser o conceito apropriado para designar também todas as peças cerâmicas colocadas sobre acrotérios, que rematam a platibanda.

n.ºs 118-120, encontramos o original modelo *neo-gótico*; no n.º 43 da rua Tenente Valadim, o *balaústre redondo liso*; na rua Conde Paçô Vieira, (s/n.º), o singular *entrelaçado*. Encontramos também a repetição das mesmas peças a formarem a guarda; o modelo de *medalhão folheado* parece ter sido o mais apreciado, sobrevivendo, no presente, seis exemplares; de entre eles, destacamos, pela extensão, as platibandas do n.º 52 da avenida dos Pescadores (alçado tardo da Casa Tavares Mora), dos n.ºs 126-128, da mesma avenida, sede da vetusta Sociedade Cooperativa União Piscatória Aldegalense, ou dos n.ºs 90-94 da rua Almirante Cândido dos Reis. Outro modelo repetido, sugerindo um *S concheado*, localizamo-lo na avenida João de Deus, n.º 11, na rua Joaquim de Almeida, n.ºs 38-42 ou na rua Bulhão Pato, n.ºs 58-62.

Terão estado na origem da sua difusão duas questões práticas que traduzem a evolução do viver urbano: em primeiro lugar, a construção generalizada de passeios para os transeuntes, disciplinando a sua circulação em espaços determinados e libertando a rua da área central – apenas para carros, viaturas, animais; a segunda, e decorrente desta, a necessidade de encanar as águas dos telhados. De modo a permitir a circulação mais cómoda dos transeuntes em época de chuvas, poupando-os, pois, às enxurradas caídas dos beirais dos telhados, a

gestão municipal foi tornando obrigatório *encanar as águas do telhado para o interior*, tal como, por exemplo, repetidamente, o *Arquitecto da Cidade* de Lisboa, Malaquias Ferreira Leal⁸, observava nos pareceres emitidos sobre pedidos de construção, reconstrução ou alteração. Para que tal não sucedesse, a água do telhado deixou de ultrapassar o pano da fachada, morrendo numa meia cana embutida na alvenaria, com escoamentos verticais a conduzirem as águas pluviais até aos esgotos públicos.

A propósito de prospecto para a reconstrução do antigo Convento da Boa Morte, em Lisboa, próximo da zona da Estrela, apresentado por um munícipe em 1840, aquele técnico da edilidade teceu elucidativo parecer: (...) *muito próprio com um método de edificação novo nesta cidade, que vem a ser o correr platibanda por cima da Cimalha, que encobre os pontos dos madeiramentos e proíbe que haja beira em os telhados, recolhendo as águas por canos, de forma que não incomoda os viandantes*⁹. É, claramente, uma opção ratificada pelo poder regulador municipal; sendo uma solução nova, satisfaz necessidades funcionais emergentes do viver urbano, independentemente do modelo específico de platibanda.

Na legislação municipal da Aldeia Galega só em 1918 encontrámos disposições neste sentido, integradas em novo Código de Posturas, aprovado a



Fig. 3 - Balaústre quadrado.



Fig. 4 - Balaústre quadrado estriado.

8 - V. Alexandre Arménio Maia Tojal, *Malaquias Ferreira Leal, arquitecto da cidade na primeira metade de Oitocentos: o exercício do poder regulador sobre a arquitectura privada em Lisboa*, Lisboa, s.n., 2002 (Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Universidade Lusíada).

9 - Arquivo Municipal de Lisboa Arco do Cego, InfMFL, 30/Mar/1840.



Fig. 5 - Balaústre quadrado em urna.



Fig. 6 - Balaústre com capitel composto.

15 de Junho; estatuí o artº 10º que *nas novas edificações, reconstruções ou ampliações dos prédios particulares ficam proibidos os beirais, telhões ou canos dos telhados sobre a via pública, devendo as águas pluviais ser captadas em manilhas introduzidas verticalmente nas paredes ou em tubos metálicos encostados a estas pelo lado exterior, convenientemente pintados e dispostos, de modo que, ou venham desaguar acima do solo, na altura de um decímetro, para as valetas, ou, tendo as ruas passeios, por baixo destes em aquedutos com cobertura metálica*¹⁰.

Apesar de ser posterior ao período por nós balizado para a difusão das platibandas na Aldeia Galega, por um lado, a evidência, no presente, de numerosos exemplares sobreviventes, anteriores a 1900, por outro, o papel modelar, em inúmeras matérias da gestão municipal, que a capital exercia junto dos concelhos de menor dimensão, levam-nos a considerar que o espírito do citado artº 10º era já uma exigência prática da gestão urbana oitocentista local¹¹.

A platibanda surgiu, assim, como nova proposta decorativa aposta às fachadas aparentemente destelhadas. Tornou-se um elemento marcante na arquitectura doméstica das fachadas oitocentistas e o fenómeno mimético rapidamente fê-lo reproduzir nas artérias da cidade. O gosto de quem encomendou

ou a obra de quem executou, facilmente se tornaram permeáveis a novos figurinos, induzindo à repetição de modelos experimentados, às vezes ao lado, em rua próxima por alguém com destaque social, dentro da mesma localidade ou em urbe mais cosmopolita.

Na Aldeia Galega, as platibandas vazadas, constituídas pela sucessão de elementos cerâmicos iguais, ter-se-ão generalizado na segunda metade do século XIX, com maior incidência no último quartel. Assumindo que normalmente a construção daquelas se integrava numa vasta campanha de obras de edificação, reconstrução, *aformoseamento* (designação tão ao gosto da época), do espaço de habitação, poucos exemplares podemos datar com exactidão; referimos três: a Casa Tavares Mora – o nº 52 da avenida dos Pescadores – que apresenta o ano de 1875 na bandeira da porta principal, dotada de duas extensas platibandas, no alçado principal (*balaústre sem capitel*) e no alçado posterior (*medalhão folheado*); a casa unifamiliar que ocupa actualmente o nº 17, da mesma avenida, registando 1882 (*balaústre vazado*); e a imponente casa unifamiliar com os nºs 48-50, da rua Joaquim de Almeida, que, também sobre a porta de entrada principal, apresenta a data de 1900 (*balaústre com folhagem*).

Como vimos, em 1840, na capital, o uso deste remate ainda era considerado um *método de edificação novo*, andando a par com a utilização do azu-

10 - Arquivo Municipal do Montijo, *Código de Posturas*, 1918, B/A/2/Lv2.

11 - Detectámos alguns importantes momentos legislativos municipais, nomeadamente em 1837 e em 1875; nenhum prevê tal obrigatoriedade (no primeiro, por temporão, seria mesmo improvável). No entanto, porque não fizemos uma leitura exaustiva das *Actas das Sessões*, admitimos que de 1875 a 1918, uma postura avulsa possa ter sido aprovada sobre a matéria.

lejo como revestimento de fachada e elemento decorativo. De resto, as fábricas que produziram umas, produziram outros, detendo-nos, no entanto, apenas, por opção metodológica, nesta sede, nas platibandas formadas por decoração cerâmica de vulto.

Apesar da novidade, o gosto estava difundido na capital já na primeira metade de Oitocentos; o referido arquitecto municipal incluía na década de 40 – platibandas em projecto seu para zona nobre da cidade e um Edital anterior excluía da obrigatoriedade de rebocar, cair, pintar ou estucar, as fachadas revestidas a azulejo, o que, a merecer referência explícita, indicia uma utilização não menos-prezável ainda antes do dobrar do século XIX.

A setecentista fábrica de Sant'Ana, ou as de Oitocentos, Bica do Sapato, Companhia Fabril de Louça (mais tarde Fábrica de Cerâmica Constância¹²), empresa de António da Costa Lamego (após 1876 Viúva Lamego), Louça de Sacavém, de Alcântara, constituíram importantes centros de produção de materiais cerâmicos na área de Lisboa. Mas também no resto do país inúmeras unidades – destacando-se as nortenhas – produziram e escoaram: Massarelos, ainda de criação setecentista, Carvalhinho, Cerâmica das Devezas, Caldas da Rainha, Alcobaça, Cerâmica Pereira Valente.

O catálogo foi uma importante forma de divulgar – perto ou longe da produção – os modelos disponíveis para comercialização. À medida que o mercado se desenvolveu e a oferta se diversificou, este instrumento de publicidade tornou-se de extrema utilidade, quer para os revendedores anunciarem as novidades, quer para os clientes escolherem e se familiarizarem com os novos modelos.

O *Catalogo da Fabrica Cerâmica e de Fundição das Devezas*, de António Almeida da Costa & C^a., editado em 1910¹³, fornece-nos preciosa e completa informação escrita e visual. Sendo já do início de Novecentos, nem por isso deixa de poder valer como fonte pertinente, pois a constância do gosto médio e da produção que o satisfaz, não mudam abruptamente em uma ou duas décadas. O *Catalogo (...)* apresenta uma rubrica dedicada a *Figuras, bustos, grupos e diversos motivos para ornamentações interiores e exteriores*¹⁴, com indicação, para cada item, da designação, dimensões e preços praticados. No que respeita especificamente aos elementos cerâmicos que compunham uma platibanda, encontramos vários modelos, quer da guarda, quer dos coruchéus, englobando, estes, as peças decorativas colocadas em destaque – urnas, vasos, pináculos, globos, estátuas alegóricas, por vezes configu-



Fig. 7 - Balaústre com capitel jónico.



Fig. 8 - Balaústre decorado sem capitel.

12 - V. J.M. dos Santos Simões, *Azulejaria Romântica* in *Estudos de Azulejaria*, Lisboa, INCM, 2001, pp. 319-322.

13 - *Catalogo da Fabrica Cerâmica e de Fundição das Devezas*, Real Typ. Lith. Lusitana, Gaya-Porto, 1910, consultado no Museu Nacional do Azulejo.

14 - *Idem*, pp. 12 e segs.



Fig. 9 - Balaústre com folhagem.

rando encenações de poder, de triunfo ou mesmo de festa, às fachadas da arquitectura doméstica.

Curioso é registar a repetição de modelos produzidos por fábricas diferentes. Folhas de catálogo da Fábrica Viúva Lamego¹⁵ apresentam inúmeros exemplares, em maior número, alguns iguais aos vendidos pela Fábrica das Devezas a que aludimos, sintoma, quanto a nós, de um gosto médio, assimilado a partir da experiência visual de quem viu, gostou e quis para a sua casa. Mais curioso é notar que modelos oitocentistas continuam a ser produzidos por fábricas em laboração no presente, revelando quanto o gosto se inscreve nas permanências culturais do tempo mais longo!

De acordo com o *Catálogo (...) das Devezas*, o acabamento das peças é variável, dependendo dele também o preço cobrado; o *fosco*, *branco* ou *vermelho*, apresenta o preço base; matizado a cores diversas, acresce 25%; 30% se for pintado a *óleo a fingir mármore ou granito*; *bronzeados* 40% e a *carácter* 60%.

Não seria difícil proceder à filiação da produção das platibandas hoje visíveis no centro da cidade do Montijo, já que, frequentemente, as fábricas gravavam no barro a marca de origem. A inviabilidade de qualquer trabalho prospectivo, óbvia, deixa-nos, no entanto, alerta para campanhas de obras que venham a ocorrer e que nos permitam



Fig. 10 - Balaústre vazado.

obter a informação a partir dos objectos *in situ*.

Conscientes, pois, desta limitação, não deixamos de admitir que, maioritariamente, o material cerâmico das platibandas locais possa ser originário das fábricas localizadas na área de Lisboa, pela proximidade e pelo constante trânsito de mercadorias e pessoas que as embarcações do Tejo asseguravam e que tinham na Aldeia Galega porto certo. Não excluímos, contudo, filiações mais distantes que os circuitos de mercado coevos poderiam explicar.

Constatamos que a sua conservação ficou comprometida com inúmeras demolições para do antigo surgir novo; igualmente realizamos que a sua preservação nem sempre se fez da forma mais correcta, quando, por exemplo, o afã de pintar fachadas se prolongou por balaústres e pinhas!... Apesar da fragilidade do material, a sua fixação tornou-o estável e pouco quebrável; no entanto, porque se trata de cerâmica, e dentro desta, maioritariamente faiança, e dada a enorme exposição das peças às condições climatéricas, durante dias, meses, anos, são visíveis exemplares mais deteriorados, nomeadamente com lacunas, perda de vidro, alguns partidos.

Das cerca de três dezenas de platibandas em materiais cerâmicos (não englobando, pois, os variadíssimos exemplares de alvenaria, com decorações a estuque, maioritariamente do início de Novecentos) que sobrevivem nas artérias mais

15 - Consultadas e reproduzidas nas instalações actuais da Fábrica Viúva Lamego, a quem agradecemos na pessoa da Dr^a Ana Margarida Moucho, que muito simpaticamente nos recebeu e prestou todas as informações com enorme solicitude.



Fig. 11 - Rua Bulhão Pato, 58-62.

antigas do Montijo, são identificados inúmeros modelos, alguns deles ainda hoje visíveis também na capital, por exemplo, ou nas localidades circundantes como Alcochete ou Palmela, confirmando a generalização de um gosto médio que o fenómeno mimético fez propagar. Para além dos vários modelos de balaústres, localizamos outros figurinos que, pela raridade ou tão só pela forma mais original ou curiosa, destacamos, nomeadamente o *entrelaçado* da rua Conde Paçô Vieira, s/nº (entre os nºs 4 e 14), ou o *neogótico* da avenida dos Pescadores, nºs 118-120, alinhando no revivalismo oitocentista.

Consumando um casamento feliz entre função e decoração de fachada, as platibandas, particularmente as de formação em cerâmica, constituem uma “imagem de marca” própria que dá, ainda hoje à cidade do Montijo – atendendo ao elevado número



Fig. 13 - Entrelaçado.



Fig. 12 - S Concheado

de exemplares sobreviventes, cerca de três dezenas, e em bom estado de conservação – singularidade. Na apropriação imagética do espaço urbano mais antigo e na sua definição formal e estética, este elemento compositivo das fachadas da arquitectura local ocupa um lugar irrenunciável a merecer protecção.

Nota: terminamos o nosso estudo, apresentando um primeiro elenco de platibandas constituídas por objectos cerâmicos de vulto, sem qualquer intenção de exaustividade nem de primazia em relação a outras tipologias, mas conscientes de que se trata de um território patrimonial relevante no contexto da imagem urbana do Montijo que importa preservar. O anexo I reúne todos os exemplares por artéria; o anexo II agrupa-os por tipologia, considerando o nº inicial de cada referência toponímica.



Fig. 14 - Medalhão em bico.



Fig. 15 - Medalhão folheado.



Fig. 16 - Neogótico.

ANEXO I

1. - Avenida dos Pescadores, 17
2. - A e 2 B Avenida dos Pescadores, 52
3. - Avenida dos Pescadores, 45-47
4. - Avenida dos Pescadores, 118-120
5. - Avenida dos Pescadores, 126-128
6. - Avenida dos Pescadores, 144
7. - Avenida dos Pescadores, s/nº, esquina com a travessa António Aranha Neto Júnior, s/nº
8. - Rua Joaquim de Almeida, 23-25
9. - Rua Joaquim de Almeida, 38-42
10. - Rua Joaquim de Almeida, 48-50
11. - Rua Joaquim de Almeida, 54
12. - Rua Joaquim de Almeida, 93-97
13. - Rua Joaquim de Almeida, 8-12
14. - Rua Almirante Cândido dos Reis, 43-47
15. - Rua Almirante Cândido dos Reis, 49
16. - Rua Almirante Cândido dos Reis, 51-53
17. - Rua Almirante Cândido dos Reis, 55-59
18. - Rua Almirante Cândido dos Reis, 90-94, esquina com a rua Bulhão Pato, 1
19. - Rua da Bela Vista, 3-7, esquina com a rua Conde Paçô Vieira, s/nº
20. - Rua da Bela Vista, 17
21. - Rua Machado dos Santos, 6-8
22. - Rua Machado dos Santos, 27
23. - Rua Bulhão Pato, 58-62

24. - Rua Bulhão Pato, 74
25. - Rua Tenente Valadim, 43
26. - Rua Conde Paçô Vieira, s/nº
27. - Praça 5 de Outubro, 7
28. - Avenida João de Deus, 11
29. - Praça 1º de Maio, 10
30. - Rua do Hospital, 19-21

ANEXO II

- Balaústre redondo liso - 25, 11, 12
- Balaústre redondo liso (barro) - 19
- Balaústre quadrado - 15
- Balaústre quadrado estriado - 29
- Balaústre quadrado em urna - 21
- Balaústre com capitel composto - 22
- Balaústre com capitel jónico - 6, 20, 30, 13
- Balaústre decorado sem capitel - 2 A
- Balaústre com folhagem - 10, 24
- Balaústre vazado - 1
- S Concheado - 7, 28, 9, 23
- Entrelaçado - 26
- Medalhão em bico - 27, 8, 14
- Medalhão folheado - 2 B, 3, 5, 16, 17, 18
- Neogótico - 4